

# O estranhamento do corpo como índice de resistência: uma análise discursiva da obra literária “Controle”, de Natalia Borges Polessó

Maria Eduarda Azevedo Soares<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pelotas

## Resumo

A Análise de Discurso (AD), concebida pelo teórico Michel Pêcheux, convida os seus seguidores a pensar sobre os sentidos da língua que não são óbvios, tampouco transparentes. Nessa perspectiva, aproximamo-nos da obra literária “Controle” (2019), com o objetivo de identificar se a sujeito-personagem Nanda, protagonista do romance diagnosticada com epilepsia, resiste ou não aos discursos dominantes, bem como buscamos compreender de que modo ela se subjetiva em nosso recorte. Realizamos, dessa forma, uma análise discursiva de seis sequências selecionadas e assim, a partir delas, constatamos a existência de saberes adjacentes apoiados em duas Formações Discursivas (FD): a médica e a religiosa. Tais saberes, de acordo com nosso gesto de interpretação, permanecem sempre em uma relação de confronto. Além disso, buscamos demonstrar que o estranhamento da sujeito-personagem com o seu corpo, presente no decorrer da narrativa, atua como um primeiro indício de resistência. Essa resistência, marcada posteriormente na materialidade analisada através do sublinhado e do tachado, provoca-nos retomar conceitos produzidos pela teórica Jacqueline Authier-Revuz, que propõe a heterogeneidade mostrada como uma possibilidade de enxergarmos o outro no discurso. Após nossas análises, entendemos que a sujeito-personagem, em um gesto de resistência, desvincula-se de determinada FD mas, ao mesmo tempo, identifica-se com outra. Isto é, ao se desprender de um discurso dominante, a sujeito-personagem também se introduz em outro, demonstrando, assim, um jogo de vai e vem entre os discursos.

**Palavras-chave:** Discurso; Texto literário; Corpo; Resistência.

## Resumen

---

<sup>1</sup> Sou acadêmica de Bacharelado em Letras - Redação e Revisão de Textos pela Universidade Federal de Pelotas e membro do projeto de Pesquisa Estéticas da Resistência, organizado pela mesma Universidade. Escolhi a AD como viés teórico para o meu Trabalho de Conclusão de Curso devido à identificação com os saberes linguísticos e sociais que a teoria propicia. Meus pais, grandes incentivadores em minha vida, não conseguiram terminar o primeiro grau, em virtude de muitas razões, mas principalmente por precisarem abandonar os estudos para trabalhar. Esse trabalho nasce, portanto, de um desejo incessante de estar perto das lutas, mas, sobretudo, de conseguir expressar que todo o esforço deles não foi em vão.

El Análisis del Discurso (AD), concebido por el teórico Michel Pêcheux, invita a sus seguidores a pensar en los significados del lenguaje que son ni obvios ni transparentes. Desde esta perspectiva, abordamos la obra literaria “Controle” (2019), con el fin de identificar si el sujeto-personaje Nanda, protagonista de la novela diagnosticada con epilepsia, resiste o no los discursos dominantes, así como también buscamos comprender cómo ella subjetiva en nuestro corte. De esta forma, realizamos un análisis discursivo de seis secuencias seleccionadas y, a partir de ellas, comprobamos la existencia de saberes adyacentes sustentados en dos Formaciones Discursivas (FD): médica y religiosa. Tal saber, según nuestro gesto de interpretación, permanece siempre en una relación de confrontación. Además, buscamos demostrar que el extrañamiento del sujeto-personaje con su cuerpo, presente a lo largo de la narración, actúa como un primer signo de resistencia. Esta resistencia, luego marcada en la materialidad analizada a través del subrayado y el tachado, nos induce a retomar conceptos producidos por la teórica Jacqueline Authier-Revuz, quien propone la heterogeneidad mostrada como posibilidad de ver al otro en el discurso. Tras nuestros análisis, entendemos que el sujeto-personaje, en un gesto de resistencia, se desliga de un determinado FD pero, al mismo tiempo, se identifica con otro. Es decir, al desprenderse de un discurso dominante, el sujeto-personaje también se introduce en otro, demostrando así un juego de ida y vuelta entre discursos.

**Palabras clave:** Discurso; Texto literario, Cuerpo, Resistencia.

## Introdução

Neste artigo, através de um viés materialista da língua, analisamos seis Sequências Discursivas (SD) selecionadas a partir da obra literária *Controle* (2019), publicada pela editora Companhia das Letras e de autoria da gaúcha Natalia Borges Polesso. A partir da Análise de Discurso (doravante AD), buscamos compreender como a sujeito-personagem Nanda, protagonista do romance diagnosticada com epilepsia, discursiviza a relação do seu corpo com a doença e se subjetiva, resistindo ou não, aos discursos dominantes presentes na narrativa, os quais são encontrados a partir de saberes adjacentes apoiados em duas Formações Discursivas (FD): a médica e a religiosa.

Nos ocupamos, como analistas de discurso, a admitir o conceito de resistência nesse trabalho, afinal, “a resistência, na AD, é marca de subjetividade inscrita na língua. É a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados” (SOARES *et al*, 2015, p. 10). Assim, após

a leitura da obra, notamos que o estranhamento<sup>2</sup> da sujeito-personagem perante o seu corpo doente seria um indício da construção dessa resistência, a qual é marca de subjetividade, permitindo, portanto, que percebamos nas seções futuras como ocorre o deslocamento e a produção de sentidos em nossas sequências.

A resistência, marcada no romance a partir do sublinhado e do tachado, característica que iremos esclarecer posteriormente, retoma conceitos trazidos pela teórica Jacqueline Authier-Revuz ao propor a heterogeneidade mostrada como uma possibilidade de enxergarmos o outro no discurso. Afinal, na AD, temos um sujeito que é heterogêneo, ou seja, um sujeito composto por diferentes vozes. Essas vozes, ou melhor, esses discursos, podem ser percebidos a partir de determinadas marcas. Ainda nessa perspectiva, a autora nos diz:

No caso em que me apóio aqui, mais precisamente o da conotação autonímica, o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso: é o caso do elemento colocado entre aspas, em itálico ou (às vezes) glosado por uma incisa. Contrariamente ao acaso precedente, o fragmento designado como um outro é integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática: estatuto complexo, o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo que, pelas marcas, que neste caso não são redundantes, é remetido ao **exterior** do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29-30, grifos da autora).

As marcas (aspas, itálico ou glosas) mencionadas pela autora na citação acima, ao se referir à heterogeneidade mostrada, podem expressar e indicar, por exemplo, outras línguas, outros discursos, outros sentidos, outras palavras ou outros interlocutores, ou seja, determina o outro e “são assim designadas ‘exteriores’ ao discurso” (Ibidem, p. 30, grifos da autora). Essa ideia, mencionada pela teórica, resgata as noções de exterioridade e de interdiscurso, afinal, “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1988, p. 162, *apud* ORLANDI, 1996, p. 31).

Assim, nossa hipótese é de que o sublinhado e o tachado, presentes em nossas SDs selecionadas, condensam essas marcas exteriores ao discurso e atuam como um delimitador entre o discurso da sujeito-personagem e os discursos dominantes, isto é, essas marcas indicam como a sujeito-personagem, devido ao

---

<sup>2</sup> Quando falamos em estranhamento nesse trabalho, não nos referimos ao conceito de estranhamento proposto pela escritora Aracy Ernest-Pereira. Isto é, não tratamos nesse artigo do estranhamento como dispositivo operado por nós, analistas de discursos, mas sim de um estranhamento que tem origem na sujeito-personagem e que, de algum modo, atua como indício de resistência.

estranhamento com o seu corpo doente, resiste ou não a determinados saberes adjacentes, os quais se identificam com as FDs médica e religiosa.

Para fins de esclarecimento, nosso artigo foi organizado em seis seções. Durante a seção um, fizemos uma breve explanação sobre a AD pecheutiana. Já na seção dois, apresentamos o texto literário como possibilidade de *corpus* empírico em AD, em razão de termos um objeto de estudo a partir de uma obra literária. No decorrer da seção três, explicamos os pontos principais do romance e trazemos algumas considerações sobre o corpo como materialidade discursiva. Na seção seguinte, demonstramos como fizemos o nosso recorte discursivo, esclarecendo como foi realizado esse processo de seleção. Na seção cinco, damos início à análise, apontando as nossas SDs e buscando relacionar nossa investigação com a teoria anteriormente levantada. E, por fim, na última seção, trazemos as nossas considerações finais sobre nosso estudo.

Vale ainda ressaltar que a origem desse artigo surgiu, em um primeiro momento, de uma identificação com os temas propostos pela escritora Natalia Borges Polezzo na obra. Posteriormente, após nossa leitura apreciativa, notamos que o texto da autora se abria como possibilidade de análise através de um viés discursivo, afinal, estávamos perante uma sujeito-personagem que, através da relação com o seu corpo doente, deslocava sentidos e, assim, conforme Leandro-Ferreira (2013), colocava-se diante das falhas do corpo, que irrompem através de sintomas sociais.

## **1 Análise de Discurso (AD): breve resgate histórico**

A constituição da AD de vertente francesa ocorreu em um cenário histórico de bastante influência para a teoria. Jamais conseguiríamos dar conta de todos os acontecimentos da época, mas consideramos importante mencionar que, durante o período de nascimento da AD, o mundo presenciava fatos históricos marcantes<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Nosso desejo ao mencionar brevemente esses fatos históricos tão marcantes parte apenas de uma vontade de deixar registrado em nosso artigo a importância dos estudos da linguagem como instrumento contra as tentativas de censura que, infelizmente, atuam como forma de controle em nossa sociedade. Nosso trabalho como analistas de discurso é, além de um trabalho de memória, também um trabalho de resistência.

como o golpe de 1964 no Brasil, o início da Guerra do Vietnã e os protestos estudantis em maio de 1968 na França.

Preocupado com a luta de classes e adepto aos efeitos da linguagem e sua relação com o social, o filósofo francês Michel Pêcheux faz surgir, em meio a todos esses acontecimentos, uma nova forma de se pensar o discurso, trazendo para os estudos discursivos a noção material da língua. Essa concepção de materialidade proposta pelo teórico, leva em consideração os efeitos interpretativos, investigando a língua em sua materialidade e assim, vista como forma material, suscetível a falhas e a equívocos, tal como nos diz Orlandi (1996):

Quando reconhecemos a materialidade da língua na discursividade, reconhecemos também a interpretação como constitutiva, isto é, compreendemos que os fatos são sujeitos à interpretação e que a língua, na medida em que é suscetível ao equívoco, ao deslize, à falha, faz lugar para a interpretação (ORLANDI, 1996, p. 29).

Paralelo ao cenário histórico, o nascimento da AD também se dá em uma conjuntura na qual os saberes de uma perspectiva estruturalista e gerativista sobre a linguagem prevaleciam. Contudo, as teorias de Saussure e Chomsky não bastavam, pois, para Pêcheux (1997b):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 1997b, p. 190 *apud* FERNANDES, n.p).

Em outras palavras, ao pensar na língua como apenas um sistema de regras formais fechadas em “si mesmas”, os teóricos desconsideravam a existência de um sujeito histórico afetado pelo inconsciente e pela ideologia. O desejo de Pêcheux, impulsionado pelos estudos de Dubois, Althusser e Lacan, era, portanto, demonstrar que nos “estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como estrutura mas sobretudo como **acontecimento**”<sup>4</sup> (ORLANDI, 1999, p. 19, grifo nosso).

---

<sup>4</sup> Em seu livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux menciona que o acontecimento seria o ponto de encontro de uma atualidade com uma memória, ou seja, a língua ocorre como acontecimento quando temos, em uma determinada materialidade discursiva, a dispersão de acontecimentos e discursos outros, que são marcados historicamente e transformados, assim como são “acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES, n.p).

Dessa forma, Michel Pêcheux, em conjunto com outros estudiosos filiados à diferentes formações, faz surgir a AD, uma disciplina de entremeio (ORLANDI), que possui como objeto de estudo o discurso, convidando-nos a pensar sobre os sentidos não tão óbvios e não tão transparentes da língua.

## **2 Texto literário como possibilidade de *corpus* em AD**

A AD de linha francesa, devido ao seu caráter interpretativo, oportuniza as mais variadas possibilidades de análise. Em consequência disso, muitos teóricos têm cada vez mais direcionado seus olhares para diferentes objetos de estudo. Foi pensando nas diferentes manifestações da língua e nas propostas de análises que podíamos alcançar através de outros objetos, que nos aproximamos de um texto literário com o propósito de investigá-lo a partir de uma perspectiva discursiva.

Embora a AD e a Literatura sejam duas áreas do conhecimento distintas, pode-se citar, como argumento inicial, a existência de um elo entre ambas: a língua. Por um lado, segundo Henge (2015), temos a AD preocupada com a relação entre língua e história na produção de sentidos, por outro, temos a Literatura estabelecendo a relação do homem com a língua através da ficção.

Compreender esse elo entre as duas áreas é fundamental para os analistas que pretendem investigar os discursos presentes em textos literários. Contudo, ressalta-se que, embora essa compreensão seja necessária e as reflexões de outras áreas sejam bem-vindas, nosso artigo irá se ancorar principalmente no suporte teórico disponibilizado pela AD.

Assim, podemos aplicar o viés discursivo em uma obra literária, pensando que, na AD, a língua é a materialidade do discurso, afinal, é onde ele se materializa. Ao dispormos de um romance como *corpus* de uma pesquisa discursiva, devemos nos atentar à particularidade subjetiva do material que será analisado, principalmente porque

[...] a literatura compreende um modo próprio de materialização do discursivo. Ela é uma das formas mais primordiais de ligação do sujeito com a sua própria subjetividade e com a incompletude do dizer, a impossibilidade de tudo dizer ou

ainda, dos modos a dar sentido às coisas da vida e do mundo (HENGE, 2015, p. 5-6).

Dessa forma, notemos que o texto literário, enquanto materialidade discursiva, possibilita-nos perceber a relação do sujeito com sua própria subjetividade e, também, com o mundo, através dos deslocamentos de sentidos. A Literatura, portanto, não é apenas mais uma atividade exercida pelo ser humano, ela é, sobretudo, um modo de concretização do discurso e assim, por meio do texto literário, uma materialidade possível de análise.

Entendemos que quando o discurso se concretiza a partir de um texto ficcional, estamos diante de um discurso que, por ser literário, nos permite perceber a incompletude dos discursos de forma mais aparente. Desse modo, a noção de discurso literário<sup>5</sup> surge como um aspecto importante a ser pensado, ainda que essa concepção não seja tão simples de ser explicada. As noções de sujeito e autoria irrompem, desse modo, como um primeiro vestígio desse discurso que é ficcional, o qual, conforme (ORLANDI, 1988, p. 55), possui origem em um sujeito que, em uma certa conjuntura, converte-se em autor ou, melhor, em sujeito-autor.

Ainda nesse sentido, “a responsabilidade do autor é cobrada em várias dimensões: quanto à unidade do texto, quanto à clareza, quanto à não-contradição, quanto à correção etc.” (Ibidem, 1988, p. 80). Embora o texto literário seja pensado e escrito mediante um sujeito-autor que se preocupa com essas dimensões, há efeitos ideológicos que o interpelam, tal como também afetam os sujeitos-leitores, pois os discursos “fazem parte de uma determinada sociedade em determinada época, revelando sentidos e produzindo movimentos de leitura que afetam os sujeitos-leitores” (CASSANA e NAPARO, 2022, p. 246).

Isto é, há a existência de um processo de interpelação, onde os sentidos são reconstruídos a cada leitura e interpretação, a depender da condição de produção, afinal, “entendemos que o literário se configura como um texto ficcional, que foi pensado e escrito a partir da ótica de um sujeito-autor e é reconstruído a cada movimento de leitura efetuado pelos sujeitos-leitores” (Ibidem, 2022, p. 247).

---

<sup>5</sup> Não investigaremos neste artigo, de forma aprofundada, a noção de discurso literário. Consideramos que essa noção poderá ser melhor esclarecida em um trabalho futuro, em uma estrutura que nos possibilite um melhor desenvolvimento. No entanto, tentamos identificar, ao longo da seção dois, as características que permitem que o texto literário seja analisado por meio de um viés discursivo.

Assim sendo, mesmo que o autor da obra tenha um determinado propósito ao escrever sobre um assunto, “há aquilo que foge da intenção do autor, os efeitos de sentido, o inconsciente que fala através da literatura” (VERSA e SOARES, 2018, p. 264). São justamente esses sentidos que fogem e falham que nos interessa na AD e, conseqüentemente, em um texto literário, afinal, são esses sentidos que escapam no texto que nos direcionam para a nossa análise e permitem que operemos os mais diversos conceitos<sup>6</sup> em AD.

### 3 O corpo na obra literária “Controle” (2019)

O corpo, enquanto materialidade discursiva, tem desencadeado um interesse considerável na área da AD nos últimos anos. Tal objeto de estudo, que sempre está cercado de reflexões e discussões, também despertou nossa curiosidade e foi a razão principal para a escrita deste artigo.

Durante meados de junho de 2021, após a leitura da obra literária “Controle”, a qual ocorreu no Projeto de Pesquisa Estéticas da Resistência<sup>7</sup>, constatamos que estávamos diante de um material muito rico em AD no que se refere à resistência, ao corpo e à linguagem. Assim, para que possamos esclarecer como chegamos a essa conclusão, precisamos primeiramente estabelecer as questões principais que giram em torno do livro.

Nosso *corpus* empírico, o romance contemporâneo escrito pela gaúcha Natalia Borges Polesso, narra a solidão de uma personagem que, ao ser diagnosticada com epilepsia<sup>8</sup>, passa a ter a sua vida controlada pela doença. Na obra, somos

---

<sup>6</sup> São muitos os conceitos operados pelos analistas de discursos quando analisam determinado *corpus* discursivo. Em nosso trabalho, compreendemos que seja necessário o entendimento desses conceitos como, por exemplo, historicidade, sujeito, subjetividade, condição de produção etc. Contudo, esclarecemos que iremos operar, principalmente, a noção de Formação Discursiva, embora não seja um conceito fácil de ser alcançado.

<sup>7</sup> Projeto de Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob coordenação de Janaina Cardoso Brum e Mônica Ferreira Cassana, possuindo como objetivo geral a identificação e a análise de “processos de produção de sentidos em que o equívoco seja tomado como modo primeiro de significar, a partir de diferentes materialidades discursivas.”

<sup>8</sup> Ainda que tenhamos um impulso de tentar definir o que seria a epilepsia, decidimos não utilizar nenhuma definição para a doença em nosso trabalho. Embora tenhamos estudado sobre ela, acreditamos que, ao preferir não estabelecer um só sentido ou escolher entre um e outro, estamos de algum modo também resistindo, tal como propomos neste artigo. Não podemos e nem queremos, após conhecer a trajetória da sujeito-personagem, determinar ou controlar os sentidos sobre a epilepsia.



apresentados a uma narrativa profunda, na qual as angústias e frustrações da personagem são reveladas, principalmente a respeito do seu corpo doente.

Nanda, apelido dado à personagem na obra, tem uma mudança drástica em sua vida após a descoberta da doença e começa a viver de forma isolada, afastando-se de todas as atividades socialmente estabelecidas como normais e vivendo sob dura proteção dos pais. Desde o diagnóstico da doença, que ocorre após uma queda de bicicleta na infância, até a fase adulta, acompanhamos a existência de Nanda sendo controlada por uma doença repleta de estereótipos; doença esta que a impede de viver as circunstâncias mais comuns, como: estudar, trabalhar e se relacionar.

Ao longo do livro, o estranhamento da sujeito-personagem em relação ao seu corpo doente é reforçado de modo predominante, mas pode ser percebido já desde o início da narrativa quando ela manifesta que possui “pernas estranhas que já não dançavam ou corriam, pernas que sustentavam um tronco corcunda, para dentro de si, como se a fome fosse comer-se a si mesma” (POLESSO, 2019, p. 10). Ainda nesse sentido, a sujeito-personagem também tenta encontrar, através de algumas palavras, uma definição para esse estranhamento que ela sente. Perceberemos, na próxima citação, que ela busca, incessantemente, encontrar vocábulos que ofereçam um sentido para esse estranhamento, que tem origem no corpo, ou melhor, dentro do corpo:

Agora tá quente e eu sinto o sol queimar a minha cara, o meu pescoço. Eu quero este sol. Eu quero **dentro**. Quero que me queime os miolos. Cozinhe mais um pouco o meu cérebro, se ele ainda não estiver completamente cozido. Quero que o sol faça evaporar os pensamentos **encharcados dessa coisa triste e gosmenta que eu tenho dentro** e que **vaza**, às vezes pros meus cabelos escorridos, oleosos. Quero que ele faça evaporar também das lembranças, **essa nata de medo** que as envolve (POLESSO, 2019, p. 20, grifo nosso).

Esse estranhamento em relação ao seu corpo doente, muito marcado no decorrer da leitura, demonstra a relação corpo-língua, pois, “assim como o sujeito se inscreve na língua, ele também se inscreve no corpo, o que traz o estatuto do subjetivo nas formas de existência material, textos que significam o sujeito, com suas falhas e incompletudes” (VINHAS, 2021, p. 151). É a partir dessas incompletudes, isto é, da dificuldade de a sujeito-personagem Nanda controlar e definir a doença,

especialmente as crises, que perceberemos como ela se subjetiva e como os sentidos são falhos e sempre faltantes.

Apesar de o romance abordar principalmente os desdobramentos da epilepsia na vida da sujeito-personagem, é importante mencionar que a narrativa também traz um debate sobre relacionamentos homoafetivos entre mulheres. Na obra, a sujeito-personagem Nanda parece ter uma certa dificuldade em identificar os seus próprios sentimentos e os desejos do seu corpo, encontrando no vocábulo “problema” uma definição mais próxima à sensação que estava sentindo.

Vejamos:

Naquela noite, além da minha cabeça pensar essas coisas úmidas, meu corpo as sentia inteiro. A Joana dormindo, quem sabe tranquilamente, e eu cheia de problemas para resolver. Problemas que me invadiam em ondas de ansiedade manifestas no estômago e mais abaixo, problemas que subiam pelas minhas pernas e que faziam minhas axilas suarem mais do que o normal, problemas que se manifestavam nos meus dentes e lábios a se abrir para mostrar um pouco como era a felicidade (POLESSO, 2019, p. 77).

Embora haja um campo bastante fértil quanto à sexualidade<sup>9</sup>, como observado na citação acima, e que tal tema poderia ser um excelente caminho a ser percorrido, dada a necessidade do nosso artigo, selecionamos apenas as Sequências Discursivas em que podemos perceber o modo como a sujeito-personagem discursiva a sua relação com a epilepsia e como ela se subjetiva através da doença e/ou dos discursos dominantes presentes na narrativa.

#### **4 Primeiros movimentos: do *corpus* empírico ao *corpus* discursivo**

A partir da leitura do romance, selecionamos dois capítulos nos quais nos debruçamos para análise, que iremos nomear nesse artigo como capítulo um e dois. No romance, os capítulos possuem as seguintes nomeações, sem a existência dos numerais, respectivamente: 1. Poder, corrupção e mentiras e 2. Bizarro triângulo. No capítulo um, a sujeito-personagem recebe de um médico um folheto com designações da doença. A descrição linguística desse folheto será o nosso ponto de partida para

---

<sup>9</sup> Quando mencionamos essa característica observada no romance, desejamos apenas demonstrar como a relação corpo-língua poderia ser pensada a partir de outras sequências discursivas, pois a obra possibilitaria mais análises e, desta forma, outros sentidos.

nossa análise discursiva e será trabalhada como nossa primeira Sequência Discursiva (SD1).

Iremos também analisar outras três Sequências Discursivas (SD2, SD3 e SD4) que aparecem no decorrer dos capítulos e que, conforme nosso gesto de interpretação, possuem ligação com a SD1, conforme esclarecimento subsequente. Além disso, iremos analisar mais duas sequências que se originam a partir da SD1. Isso ocorre porque, após receber o folheto do médico, na obra literária, a sujeito-personagem destaca e rabisca determinadas palavras, bem como adiciona outras. Essa modificação feita pela sujeito-personagem Nanda na SD1, é marcada pelo sublinhado e pelo tachado, possibilitando a análise de mais duas Sequências Discursivas (SD5 e SD6).

É importante ressaltar que a SD5 demonstra a modificação feita pela sujeito-personagem no folheto (SD1), ou seja, como ela se subjetiva a partir do discurso do outro, se desvinculando de uma determinada FD e se inserindo em outra. Já a SD6 não consta no romance, ela foi concebida a partir de uma tentativa de identificarmos o que “sobra” no discurso após o processo de subjetivação da sujeito-personagem, mais especificamente sem o tachado (rasurado) feito por ela.

Vale ainda mencionar que em todas as Sequências Discursivas trabalhadas nas próximas seções, mantivemos a estrutura original encontrada no romance, apenas as colocamos dentro dos quadros para uma melhor visualização do movimento produzido pela sujeito-personagem.

## **5 Análise**

Para Leandro-Ferreira (2013), o corpo é percebido tanto como uma linguagem, quanto um modo de subjetivação. Ainda nesse sentido, Pêcheux (2008) também nos diz que a necessidade de um mundo semanticamente normal tem origem com a relação de cada um com o seu próprio corpo, ou seja, a subjetividade começa por meio da relação com o corpo e com os sentidos a partir dele estabelecidos.

Vejamos, refletindo esses dizeres, a SD1:

## SD1 - SABERES DO DISCURSO MÉDICO

1. A EPILEPSIA NÃO É UMA DOENÇA MÁGICA, NEM SAGRADA, NEM, MUITO MENOS, DEMONÍACA. ELA É UMA DOENÇA NEUROLÓGICA COMUM.
2. A EPILEPSIA NÃO É UMA DOENÇA CONTAGIOSA. ELA É APENAS O PRODUTO DE CARGAS ANORMAIS DE CÉLULAS NERVOSAS NO NOSSO CÉREBRO.
3. A EPILEPSIA É UNIVERSAL. ELA ACOMETE PESSOAS DE QUALQUER FAIXA ETÁRIA E DE TODOS OS PAÍSES.
4. A EPILEPSIA NÃO PODE SER VISTA COMO UMA CATÁSTROFE. ELA É UMA CONDIÇÃO QUE TEM TRATAMENTO E QUE NA MAIOR PARTE DAS VEZES É BENIGNA.
5. A PESSOA COM EPILEPSIA É UMA PESSOA NORMAL. ELA PRECISA SEGUIR AS INSTRUÇÕES DO MÉDICO, COMO QUALQUER UM DE NÓS.
6. A EPILEPSIA POR SI SÓ NÃO GERA DESADAPTAÇÃO SOCIAL. A SUPERPROTEÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO À CRIANÇA PODE LEVAR A ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO E PERSONALIDADE, TORNANDO A CRIANÇA, FREQUENTEMENTE, SOCIALMENTE ISOLADA, DEPENDENTE E INSEGURA.
7. NA MAIORIA DOS CASOS BEM CONDUZIDOS, A EPILEPSIA NÃO LEVA A PROBLEMAS ESCOLARES. COM DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO ADEQUADOS, APROXIMADAMENTE 80% DAS CRIANÇAS TERÃO SUAS CRISES CONTROLADAS COM UM MÍNIMO DE EFEITOS INDESEJADOS. ISSO LHE PERMITIRÁ ACESSO A UMA VIDA NORMAL.

Observemos, nesse primeiro momento, que o folheto dado por um médico à sujeito-personagem se organiza em forma de lista numerada, que trataremos aqui como itens. Esses itens, como podemos perceber, nomeiam o que seria e o que não seria a epilepsia através do verbo “ser” flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Essa estrutura nos remete às considerações de Leandro-Ferreira e de Pêcheux trazidas anteriormente, reafirmando que vivemos em um mundo onde há uma necessidade universal de organizar os sentidos, começando

pela estabilização dos sentidos do corpo. Entendemos que o folheto, o qual traz saberes relativos a uma FD que podemos denominar como médica, tenta, de alguma forma, estabilizar os sentidos sobre a epilepsia, ou seja, tenta controlar os sentidos sobre essa doença, que possui sintomas no corpo mas, mais especificamente, no cérebro.

Temos ainda, no item 1, uma negação já iniciando o discurso: “a epilepsia não é”, e em seguida os vocábulos “mágica, sagrada e demoníaca”, de ordem mística e religiosa, trazendo, para o fio do discurso, saberes relacionados a uma FD que podemos nomear como religiosa. Após, no item 2, temos novamente a negação acompanhada do verbo, dessa vez reiterando que a epilepsia não é uma doença contagiosa. Parece-nos que, através da negação, o discurso médico se sobrepõe aos demais discursos, ou seja, parece haver uma necessidade da FD médica de desmistificar e contestar os sentidos advindos da FD religiosa.

Em seguida, nos próximos itens, o verbo aparece acompanhado de afirmações como: “ela é”, “a epilepsia é” e “a pessoa com epilepsia é”, em uma tentativa de encontrar definições que convençam a sujeito-personagem sobre o dizer, bem como parece estabelecer uma relação entre os discursos, isto é, entendemos que existe uma tensão e um confronto entre os saberes oriundos das duas FDs. Nota-se ainda, no item 2, a presença do pronome possessivo “nosso cérebro”, em um esforço de neutralizar a dominância e controle, a fim de conseguir se aproximar da sujeito-personagem, como se o sujeito do discurso dominante também fosse uma pessoa diagnosticada com epilepsia.

Ainda na SD1, após receber o folheto do médico, a sujeito-personagem sublinha determinadas passagens. Temos, assim, os seguintes trechos e palavras sublinhadas, numeradas por nós: 1. comum; 2. produto de descargas anormais de células nervosas no nosso cérebro; 3. universal; 4. condição; 5. normal; 6. desadaptação social; 7. superproteção; 8. dependente e insegura; 9. 80%; 10. crises controladas e 11. vida normal.

Parece-nos que, ao fazer esse primeiro movimento, a sujeito-personagem marca no discurso do outro, como podemos perceber nos elementos 1, 3, 5, 10 e 11, vocábulos que trazem a ela o sentido de que a epilepsia é comum e universal, isto é,

de que o fato dela ter sido diagnosticada com epilepsia não a torna “estranha” aos olhos do mundo. A sujeito-personagem Nanda tenta, desse modo, encontrar no discurso do outro uma forma de se sentir amparada, como ela mesma nos diz, ao mencionar, após ler o folheto, que a epilepsia “**não** era algo de meninas da minha faixa etária nem uma doença que acometia **apenas** parte específica da população brasileira” (POLESSO, 2019, p. 47, grifo nosso).

Já nos itens 2, 4, 6, 7, 8 e 9, percebemos que a sujeito-personagem marca os vocábulos que denotam sentidos de anormalidade, bem como desadaptação social, superproteção dos pais, dependência e insegurança. Através disso, percebemos que ela tenta identificar no discurso do outro tudo aquilo que, de algum modo, é causado pela doença. Notemos ainda que a sujeito-personagem sublinha a porcentagem “80%”. Os sentidos, resultantes dos numerais, é um indício da tentativa de controle e da ilusória estabilização de sentidos. É através da porcentagem dada pelo discurso médico que a sujeito-personagem confia que terá suas crises controladas, assim como 80% dos pacientes.

Analisaremos, agora, as seguintes Sequências Discursivas:

<b>SD2, SD3 e SD4 - SABERES DO DISCURSO RELIGIOSO</b>
<p>Talvez eu tivesse uma doença demoníaca, porque eu estava me tornando uma pessoa ruim, mentirosa. (POLESSO, 2019, p. 57).</p>
<p>Minhas primas me olhavam com mais constrangimento do que medo ou qualquer outra coisa. Minha tia e minha mãe me erguiam do chão, enquanto minha avó rezava baixinho para que o demônio saísse do meu corpo e falava para a minha mãe:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sônia! Tem que levar essa guria na igreja e não nesses médicos. Falta Deus nessa casa! Misericórdia (POLESSO, 2019, p. 99).</li> </ul>
<p>Depois disso tudo girou em torno da doença que não era demoníaca, dizia meu folheto, mas acabou sendo (POLESSO, 2019, p. 105).</p>

Percebemos, analisando cada SD, a predominância de saberes resultantes de uma segunda Formação Discursiva no fio do discurso: a FD religiosa. Observamos que, na SD2, a expressão “**talvez** eu tivesse uma doença demoníaca”, desloca os sentidos e introduz novos sentidos. Aqui, retomamos novamente o item 1. da SD1, onde temos a negação; isto é, a epilepsia **não** é uma doença demoníaca. Se antes a sujeito-personagem parecia se identificar com os saberes advindos da FD médica na SD1, através da ação de sublinhar, agora, através do advérbio “talvez”, ela parece duvidar dos sentidos.

Na SD3, percebemos o discurso religioso com clareza. É através dos vocábulos “rezava”, “demônio”, “igreja”, “Deus” e “misericórdia” que os sentidos são postos em jogo. Observamos que, nos sentidos dados pela FD religiosa, temos também, assim como na FD médica, a presença da contestação. A avó da sujeito-personagem Nanda, ao dizer que a neta precisava ser levada na Igreja e **não** ao consultório médico, revela que os discursos parecem estar sempre em confronto. Já na SD4, a sujeito-personagem, através da conjunção “mas” e do verbo “acabar”, desloca novamente os sentidos, se desvinculando dos saberes vindos da FD médica e se identificando com os saberes oriundos da FD religiosa. Temos, portanto, uma doença que **não** era demoníaca. Depois, uma doença que **talvez** fosse demoníaca. E, por fim, uma doença que **acabou sendo** demoníaca.

Observamos, após esses movimentos, a SD5:

**SD5 (POLESSO, 2019, p. 105)**

A EPILEPSIA ~~NÃO É UMA DOENÇA MÁGICA, NEM SAGRADA, NEM, MUITO MENOS, DEMONÍACA. ELA É UMA DOENÇA NEUROLÓGICA COMUM. A EPILEPSIA NÃO É UMA DOENÇA CONTAGIOSA. ELA É APENAS O PRODUTO DE DESCARGAS ANORMAIS DE CÉLULAS NERVOSAS NO NOSSO CÉREBRO. A EPILEPSIA É UNIVERSAL. ELA AGOMETE PESSOAS DE QUALQUER FAIXA ETÁRIA E DE TODOS OS PAÍSES. A EPILEPSIA NÃO PODE SER VISTA COMO UMA CATÁSTROFE. ELA É UMA CONDIÇÃO QUE TEM TRATAMENTO~~ <sup>MAS FODE COM A SUA VIDA</sup> ~~E QUE NA MAIOR PARTE DAS VEZES~~

~~É BENIGNA. A PESSOA COM EPILEPSIA É UMA PESSOA NORMAL. ELA  
 PRECISA SEGUIR AS INSTRUÇÕES DO MÉDICO, COMO QUALQUER UM DE  
 NÓS. A EPILEPSIA POR SI SÓ NÃO GERA DESADAPTAÇÃO SOCIAL. A  
SUPERPROTEÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO À CRIANÇA PODE LEVAR A  
 ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO E PERSONALIDADE, TORNANDO A A  
 CRIANÇA, PESSOA, PORRA FREQUENTEMENTE, SOCIALMENTE ISOLADA,  
 DEPENDENTE E INSEGURA. NA MAIORIA DOS CASOS BEM CONDUZIDOS, A  
 EPILEPSIA NÃO LEVA A PROBLEMAS ESCOLARES. COM DIAGNÓSTICO E  
 TRATAMENTO ADEQUADOS, APROXIMADAMENTE 80% DAS CRIANÇAS  
 TERÃO SUAS CRISES CONTROLADAS COM UM MÍNIMO DE EFEITOS  
 INDESEJADOS. ISSO LHES PERMITIRÁ ACESSO A UMA VIDA NORMAL.~~

Nessa SD, a sujeito-personagem usa pela primeira vez o tachado no folheto. É importante mencionarmos que ela faz isso anos depois do sublinhado e o papel, que antes ficava na parede, agora fica dentro de um armário, escondido e oculto aos olhos dela. Nota-se que esse novo movimento feito pela sujeito-personagem Nanda ocorre após a SD4, onde ela anuncia que a epilepsia **acabou sendo** uma doença demoníaca. A sujeito-personagem, em um impulso de resistir a um discurso que tenta controlá-la, risca o folheto e traz à tona o conflito entre os saberes discursivos, como ela mesma nos diz: “eu tinha acreditado tanto naquele papel, que minha vida tinha adquirido as dimensões dele” (POLESSO, 2019, p. 106).

Além do tachado, percebemos na SD5 que a sujeito-personagem acrescenta duas frases ao folheto, numeradas por nós: 1. Mas fode com a sua vida e 2. Pessoa, porra. Notemos que, na primeira frase, ao dizer que a epilepsia fode com a vida dela apesar de possuir tratamento, a sujeito-personagem desloca os sentidos previstos novamente através da conjunção e nos faz refletir: qual o preço a se pagar para ter uma sensação (ilusória) de vida normal?

Já na segunda frase, temos a expressão “pessoa, porra” em uma forma de contestar o discurso médico diante da presença do vocábulo “criança”. Afinal, a presença dessa palavra denota os sentidos acerca de superproteção dos pais,



dependência e insegurança, vocábulos anteriormente sublinhados na SD1. Ou seja, a sujeito-personagem deseja, ao escrever no folheto “pessoa, porra”, afastar-se dos sentidos trazidos através da palavra “criança” e se sentir, finalmente, uma pessoa adulta.

Vejamos, agora, a SD6:

<b>SD6</b>
<p>A EPILEPSIA É UMA DOENÇA. DEMONÍACA NEUROLÓGICA <u>PRODUTO DE DESCARGAS ANORMAIS DE CÉLULAS NERVOSAS NO NOSSO CÉREBRO</u>. A EPILEPSIA É UMA CATÁSTROFE. ELA É UMA <u>CONDIÇÃO</u> QUE TEM TRATAMENTO <small>MAS FODE COM A SUA VIDA</small>. GERA <u>DESADAPTAÇÃO SOCIAL</u>. A <u>SUPERPROTEÇÃO</u> DOS PAIS PODE LEVAR A ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO E PERSONALIDADE, TORNANDO A <small>PESSOA, PORRA</small> <u>INSEGURA</u>. A EPILEPSIA LEVA A PROBLEMAS ESCOLARES. EFEITOS INDESEJADOS.</p>

Como mencionado anteriormente, essa SD não consta no romance, ela foi originada a partir do nosso gesto de leitura em uma tentativa de identificar o que restava após os movimentos de subjetivação realizados pela sujeito-personagem Nanda no folheto. Temos, portanto, novos sentidos surgindo a partir do sublinhado e da ausência do tachado. Atentemo-nos, principalmente, à primeira frase: a epilepsia é uma doença demoníaca. Entendemos que a sujeito-personagem se desprende dos saberes do discurso médico nessa primeira frase, resistindo e identificando-se com os saberes do discurso religioso. Contudo, ainda que isso ocorra, temos no restante do folheto uma quantidade expressiva de saberes que ainda se identificam com o discurso médico. Além disso, notemos que a sujeito-personagem risca na SD5 o trecho “é apenas”, como podemos notar a sua ausência na SD6. Ao retirar o advérbio “apenas” do discurso dominante, a sujeito-personagem resiste à homogeneidade e ao controle dos discursos dominantes, produzindo novos sentidos.

## 6 Conclusão

Neste artigo, procuramos compreender como se deu o processo de subjetivação da sujeito-personagem Nanda no romance “Controle” (2019), através dos vestígios da relação com o seu corpo doente e da heterogeneidade mostrada, confirmando que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). Percebemos, assim, um deslocamento de sentidos toda vez que a sujeito-personagem sublinhava ou tachava determinados trechos de um folheto dado a ela por um médico, demonstrando, desse modo, o seu gesto de resistência perante um discurso dominador.

O discurso analisado, com saberes que se identificam com a medicina e com a religião, demonstrou também uma tensão e um confronto entre as Formações Discursivas. Identificamos, a partir disso, que a sujeito-personagem resiste ao discurso médico até certo ponto, mas acaba se identificando com o discurso religioso, ao riscar a negação e admitir que “a epilepsia é uma doença demoníaca”, afinal, “o corpo pode formular sentidos de resistência e, também, pode formular sentidos que reproduzem o discurso dominante” (VINHAS, 2021, p. 151).

Ao identificarmos o que restava no folheto após a retirada do tachado, na SD6, notamos que a personagem produz um movimento muito importante para a finalização do nosso estudo. Percebemos que, no trecho: “ELA É APENAS O PRODUTO DE DESCARGAS ANORMAIS DE CÉLULAS NERVOSAS NO NOSSO CÉREBRO” (POLESSO, 2019, p. 105), há a retirada do advérbio “apenas”, ou seja, como já dito anteriormente, os sentidos perante a doença, conforme o gesto da sujeito-personagem, jamais seriam homogêneos. A sujeito-personagem Nanda, ao fazer isso, demonstra que a epilepsia jamais será **apenas** alguma “coisa” e que, ao mesmo tempo que ela resiste a um discurso dominante, também admite a heterogeneidade da língua e dos sentidos.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). In: ORLANDI, Eni Pulcinelli; GERALDI, João Wanderley. O discurso e suas análises. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 25–42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824> Acesso em: 25 de mai. de 2022.
- CASSANA, Mônica Ferreira; NAPARO, Brenda. A heterogeneidade do dizer na obra “A amiga genial”, de Elena Ferrante: uma análise discursiva. **Revista Entrelaces**, v. 12, n. 1, 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/71520> Acesso em: 6 de out. de 2022.
- FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise de Discurso: reflexões introdutórias**. Disponível em: [https://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES\\_ADRI.pdf](https://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf) Acesso em: 21 de mar. de 2022.
- HENGE, Gláucia da Silva. Texto e interpretação: aproximações entre análise do discurso e literatura. **Interletras**, v. 3, n. 20, p. 1-9, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/24308977-Texto-e-interpretacao-aproximacoes-entre-analise-do-discurso-e-literatura.html> Acesso em: 17 de mar. de 2022.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. Vitória da Conquista: **Redisco**, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697> Acesso em: 10 de mar. de 2022.
- MOREIRA, Sebastião. **Epilepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnóstico e tratamento**. Barbacena: Mental, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n3/v2n3a09.pdf> Acesso em: 21 de set. de 2021
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Exterioridade e ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, p. 27-33, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637037> Acesso em: 2 de set. de 2022.
- PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento (1983). Campinas: Pontes Editores, 2008.
- POLESSO, Natália Borges. **Controle**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOARES, Alexandre S. Ferrari et al. **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015.
- VERSA, Cezar Roberto; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **Análise do Discurso e Literatura: um diálogo possível no romance O dia em que matei meu pai**, de Mario

Sabino. **Entremeios**, v. 16, n. 16, p. 259–273, 2018. Disponível em:  
<http://www.entremeios.inf.br/published/634.pdf> Acesso em: 17 de mar. de 2022.

VINHAS, Luciana Iost. O corpo na análise de discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, v. 23, n. 42, p. 143-163, 2021. Disponível em:  
<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/3966> Acesso em: 27 de abr. de 2022.